



EDITORIAL

A QUEM NOS OUÇA
A CARREIRA DE TIRO

Tem sido nossa preocupação constante, desde que assumimos a responsabilidade da orientação deste Jornal, chamar a atenção de quem pode e deve ouvir-nos, para os problemas essenciais de que depende o desenvolvimento de Espinho.

Não faltará quem entenda que devíamos limitar-nos a propagandear o que temos de bom, calando as deficiências, até que elas naturalmente se resolvam. Não faltará, também, quem nos encare como derrotistas, com a mira voltada para objectivos simplesmente demolidores. Não faltará, em suma, quem nos rotule de incrédulos, de maldizentes e, até, de nocivos aos interesses que dizemos defender.

Não sentimos receio destas acusações. Voltados, como prometemos, aos problemas de Espinho, entendemos que o melhor contributo que à nossa terra podemos, neste momento, prestar, é chamar a atenção de quem pode e deve ouvir-nos para todos os casos que há dezenas de anos suplicam e esperam resolução. E se somos incrédulos, e somos, isso resulta de todo um passado de promessas que não esquecemos e de que é magnífico exemplo a transcrição que fizemos no nosso último número do que à C.P. foi pedido em 1933 e, mais do que

isso, do que a Administração da C.P., nessa altura, prometeu realizar — o mesmo que agora foi despachado superiormente antes do Verão e não começou ainda a ser executado.

É possível que nem sempre sejamos ouvidos e, até, que nem sequer tenhamos sido lidos alguma vez.

Mas, da nossa parte ficará a consciência do dever cumprido e a certeza de que só nos não ouve quem não quer ouvir-nos.

Integrados nesta linha de conduta, não podemos calar o que está a passar-se com a Carreira de Tiro, hoje assunto principal das conversas das pessoas de todas as camadas atentas aos problemas espinhenses e motivo de enormíssima preocupação para a nossa Câmara Municipal.

Em 1864, o Ministério da Guerra — hoje do Exército — ocupou um baldio na freguesia de Silvalde do Concelho da Feira, para dele fazer carreira de tiro que servisse os recrutas durante a instrução.

Criado o Concelho de Espinho, em 1899, só com a freguesia de Espinho, destacada do concelho da Feira, em 1926 foi

(Continua na pág. 2)

ESPINHO E A C. P.

VAI SER CUMPRIDO O DESPACHO MINISTERIAL

Por informação da última hora, recebida do Senhor Presidente da Câmara, temos o prazer de noticiar que o sr. Eng. Francisco Bernardo, Chefe da Divisão Norte da C.P. lhe comunicou terem sido decididas favoravelmente pela Administração daquela Companhia, e de harmonia com o despacho ministerial que temos comentado, as obras projectadas para os caminhos de ferro em Espinho.

De acordo com esta resolução, e como pormenorizámos em Editorial anterior, desaparecerá o cais existente em frente ao Hotel Praiagolfe, e todas as manobras serão transferidas para a zona do Vale do Vouga. Junto ao campo do Sporting Clube de Espinho, em terrenos da C.P., será construído um bloco destinado à habitação de empregados da Empresa, designadamente os Chefes de Estação e o pessoal das passagens de nível, e desaparecerão as casas das guardas existentes em todas as passagens.

Julgamos e esperamos que no conjunto da obra estará também incluída a nova Estação de Espinho.

Com muita satisfação registamos que finalmente a C.P. «acertou as agulhas» com Espinho, tomando uma resolução pela qual há tantas dezenas de anos a «D.E.» denodadamente se bate.

414
TRIBUNAL DE ESPINHOPosse dos Magistrados Judicial e do Ministério Público
e INAUGURAÇÃO DO TRIBUNAL

Conforme havia sido anunciado, teve lugar na passada segunda-feira, dia 1 de Outubro, a inauguração do Tribunal da comarca de Espinho, acto que se realizou solenemente, ao mesmo tempo que tomavam posse o primeiro Juiz e o Primeiro Delegado da nossa comarca, Exmos. Senhores drs. Emídio Teixeira e José Carlos Vilaça Fernandes.

Pouco depois das catorze horas, e não obstante a cerimónia estar marcada para as quinze, começou a afluír ao edifício da Câmara grande número de pessoas que enchiam completamente o átrio de entrada, a sala de audiências

e as próprias escadarias de acesso à entrada principal e ao primeiro andar.

A medida que se aproximava a hora designada, iam entrando no Tribunal as entidades convidadas, designadamente o Senhor Corregedor do Circulo Judicial, os Juizes do 1.º e do 2.º Juízo do Tribunal da Feira, o Comandante Militar de Espinho, o Comandante da P.S.P., o Comandante do Posto da G.N.R., o Presidente da A.N.P., o Reitor do Liceu de Espinho, o Director do Ciclo Preparatório, a Conservadora do Registo Civil e Predial, a Notária, Direcções e



Os espinhenses acorreram com entusiasmo à inauguração do «seu» Tribunal.



A Mesa de Honra da inauguração do Tribunal e posse dos magistrados.

Comandos das Associações de Bombeiros Voluntários locais, todos os advogados de Espinho e o seu solicitador encartado, e muitas outras individualidades, que se confundiam na mole de gente que ali se concentrou.

Pelas quinze horas, chegou o Governador Civil do Distrito de Aveiro, Ex.º Sr. Dr. Francisco Vale Guimarães, que foi recebido à entrada do edifício pelos Exmos. Srs. Presidente e Vice-Presidente da Câmara, Dr. Manuel Nunes dos Santos e Manuel de Oliveira Violas e pela vereação do nosso município.

Autoridades e convidados percorreram as novas instalações do Tribunal, que, como salientamos no nosso anterior número, foram realizadas pela Câmara Municipal com incedível zelo e cuidado, apresentando-se com dignidade ajustada à natureza dos serviços que nelas foram instalados e vão funcionar.

Seguidamente, na sala de audiências, foi constituída a mesa da presidência do acto solene a que ia proceder-se, com o Senhor Governador Civil, o Corregedor do Circulo, o Juiz do 1.º Juízo da comarca da Feira, o novo Juiz de Espinho, o novo Delegado de Espinho, o Presidente da Câmara Municipal e o nosso Director, Dr. Amadeu Moraes, membro do Conselho Distrital do Porto da Ordem dos Advogados e decano dos advogados de Espinho. Os convidados, o Vice-Presidente da Câmara Municipal e os vereadores tomaram lugar na teia. Lidos os juramentos pelos novos empossados, a posse foi-lhes conferida pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal, na qualidade de Juiz substituto. E conferida que foi a posse, o Senhor Presidente da Câmara Municipal usou da palavra para saudar os empossados e o Senhor Governador Civil do Distrito, a quem agradeceu os esforços empregados para a criação da nossa comarca, terminando por desejar aos

Continua na página 5

Será o «Pontão» Complicação?

No último número deste semanário, o nosso camarada da Redacção Carlos Sárria, escrevendo com a sua habitual exuberância, duvida dos resultados positivos da construção do «pontão ao norte, por riba da via férrea», e diz porquê.

Ora como eu não duvido da positividade desses resultados, como dentro da camaradagem que cá na casa se pratica não se exclui a inteira liberdade de opinião de cada um, e ainda como os nossos leitores também «não lêem todos pela mesma cartilha», aqui estou a expor os meus pontos de vista, captados dum ângulo diferente:

Começemos pelo «pandemónio do movimento automóvel», a que o artigo alude.

Pois tal pandemónio muito é normalmente agravado pelas «bichas» de veículos que se formam, acima e abaixo da linha férrea, nas ruas confluentes a qualquer passagem de nível, fechadas por largos espaços de tempo. Tão persistentes e demoradas, que não raro se mantêm por períodos superiores a meia hora às vezes uma. Estão na origem dos decantados e infernais «concertos de businas», que tanto afligem os vizinhos. Mais que a obstrução, chegam a ser oclusão do tráfego.

Se alguns condutores, mais impacientes ou impelidos por solicitações urgentes, se resolvem a tentar outra passagem, é vê-los a escapar-se da «bicha» e a voltejar, da passagem da Rua 7, por exemplo, à da 23, desta à da 33. Tudo fechado — e com «bichas». Voltam à primeira formação. E assim sucessivamente, em louco carroce, na procura aflitiva duma saída, tal como um moscardo prisioneiro a investir contra uma vidraça.

Este o panorama, mais de verão que de inverno, mas sempre.

E a algum mais avisado e conhecedor «dos cantos à casa», só resta, para fugir ao encerramento da «cortina de ferro» das cancelas, recorrer à passagem de nível sem guarda e sempre aberta, no extremo sul da cidade, já em Silvalde e, na sequência, com a concomitância da passagem do Vale do Vouga, também sem guarda, na Rua 43. Ambas, por isso mesmo, perigosas ratoeiras, onde se têm esfrangalhado muitos carros, até com perdas de vidas.

Considere-se, ainda, a eventualidade dum sinistro, dum incêndio, por exemplo, que se manifeste a juzante da via férrea: E aí veremos, consternadamente, as viaturas dos socorros públicos, cujos aquatamentos se situam a montante, detidos pela tal «cortina». Paralisados, enquanto o incêndio lavra e se incrementa.

Começa, deste modo, a erguer-se ante nós a necessidade premente do «pontão».

Demonstre-se de facto em sugestivos termos de Hidráulica:

A parte cimeira e a parte baixa da nossa cidade, separadas pelo caminho de ferro, são como dois compartimentos estanques, quando vedados por comportas ou adufas, que podem per-

manecer fechadas longos lapsos de tempo.

A existência do projectado «pontão» transformará tais compartimentos estanques em vasos comunicantes, através de cujo istmo a circulação se estabelecerá livre e continuamente.

Isto é, do ponto de vista físico, incontroverso.

E praticamente, aplicada a imagem utilizada ao caso decorrente, tem de concluir-se que, para o livre curso do afluxo da viação automóvel no local, a construção da passagem superior, digamos do «pontão», impõe-se como solução, de vantagens, quanto a mim, tão evidentes e claras como o Sol.

Por outro lado, acrescente-se que o que se considera a zona turística por excelência, o sector subjacente à via férrea, onde, além da praia, se localizam hotéis, piscina, casino, bars, cafés, etc., é, sem dúvida, uma zona, para o trânsito sobre rodas, onde se quer ir ou onde se quer vir, mas nunca, até hoje, caminho obrigatório de passagem do Norte para o Sul da cidade, ou vice-versa.

Além daqueles acessos condicionados pelo fechamento ou abertura das passagens de nível, ficará essa zona, graças ao «pontão», com francas entradas e saídas sempre livres. E é isso o que os turistas, os frequentadores, os visitantes e o indígena reclamam há muito tempo — e agradecem.

Observe-se, finalmente, que ainda que a C.F. venha a resolver as questões de si dependentes, arrumando os «mercadorias» para o Sul, isso só eliminaria os inconvenientes das manobras, cargas e descargas desses comboios em pleno centro, o que seria bom, mas não evitaria que pelo mesmo centro eles continuassem a passar, em obediência aos seus horários, adicionando-se ao volume do intenso tráfego dos comboios de passageiros — o que continuaria, sempre em elevado grau, a provocar o assíduo encerramento da «cortina» obstrutora da C.F.

Quanto ao custo do empreendimento, está ele estudado, aprovado e comparitipado superiormente. Essa comparticipação financeira, à face da orgânica orçamental oficial, não pode ser desviada dos fins para que foi concedida, com a facilidade com que se muda uma pedra no xadrez.

Por muito jeito que os dinheiros pudessem fazer noutras bandas. É muito difícil e muito contingente: Seria preciso «baralhar e dar de novo»; e nessas andanças seria provável fugir o «pássaro» que já se considera «na mão».

Também é conveniente atentar neste aspecto da questão.

Resumindo: — Que se construa o «pontão»... e depressa. A meu ver e no de muita gente, isso não complica, antes melhora e facilita a solução dos problemas do trânsito, dentro e fora do sector da «baixa» espinhense, justamente considerado «a zona turística por excelência».

ALBERTO BARBOSA

DEFESA DE **ESPINHO**

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

ADMINISTRADOR

ANTÓNIO GAIO

REDACÇÃO

ARMENIO GOMES
CARLOS PINHEIRO MORAIS
CARLOS SÁRRIA
JOÃO QUINTA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA
DE PUBLICIDADE
DE ESPINHO, LDA.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA SEQUEIRA
RUA JOSÉ FALCÃO, 122
PORTO

A QUEM NOS OUÇA

A CARREIRA DE TIRO

(Continuação da pág. 1)

ampliado com as freguesias de Anta, Guetim, Silvalde e Paramos, únicas que desde então ficaram a pertencer-lhe, e ainda com Esmoriz, S. Paio de Oleiros, Nogueira da Regedoura e S. Félix da Marinha, que voltaram aos seus primitivos concelhos pouco tempo depois.

Em 11 de Maio de 1928, foi conferida posse ao Ministério do Exército dos terrenos da Carreira de Tiro, que compreendem o edifício existente, o terreno circundante a norte e sul, todo o terreno com a largura de 60 metros entre o edifício e o mar e ainda, a nascente, todo o terreno, com a mesma largura, entre o edifício e a linha do Caminho de Ferro.

Em 1942, o Ministério do Exército autorizou o Club de Golfe de Espinho (que por saudosismo mantém o primitivo terrenos que ocupa a norte e a sul, um dos melhores campos de Golfe de País, nome — Oporto Golf Club —) a ocupar toda a faixa de terreno que se estende desde o edifício até à linha do Caminho de Ferro, obtendo desse modo e com os

Quando tudo isto se pasava, todos os interesses se conciliavam, sem qualquer prejuízo para Espinho e para as suas freguesias de Silvalde e Paramos. A carreira de tiro situava-se em terrenos que então se supunham inutilizáveis para futuro, a juventude que procurava a Lagoa de Paramos, também conhecida por Barrinha de Esmoriz, seguia de combóio ou a pé à margem da linha, os adeptos da aviação que procuravam o respectivo campo ou tinham carro e seguiam a velha estrada de ligação a Aveiro ou utilizavam o combóio, e tudo corria às mil maravilhas.

A partir de 1948 e com curtos intervalos, o mar destrói o areal no centro de Espinho, destrói a praia e encosta à defesa central que o Estado construiu para defender a terra.

As dezenas de milhar de pessoas que durante a época balnear nos procuravam começaram a estender-se para o lado norte, a amontoar-se aí, numa promiscuidade absolutamente desaconselhável e que em si é a negação do sossego que cada um procura durante as férias. A Câmara vê-se impossibilitada de proporcionar o aproveitamento do areal a norte, pela inexistência de uma estrada que constitua o prolongamento da Avenida oito, precisamente porque o concelho termina ali, a poucos metros, e a Câmara não pode fazer estradas no concelho de Gaia.

E as consequências começam a notar-se: muitos dos mais dedicados veraneantes de Espinho, à falta de praia e com muita mágoa, começam a debandar e procurar outras praias, onde têm o areal que em Espinho lhes falta.

Preocupada com tudo o que a este respeito se lhe apresenta, a Câmara volta os seus olhos para o sul e pensa na abertura de uma boa estrada marginal que ligue a sede do concelho ao Aero clube e à Lagoa de Paramos.

O Senhor Presidente da Câmara Municipal, ao tomar posse do seu cargo, afirmou a todos os espinhenses compreender que o futuro turístico de Espinho, independentemente das indispensáveis obras a realizar para restauração da praia central, estava no aproveitamento da Lagoa de Paramos, do Aero clube, do Golfe e de todo o extenso areal compreendido entre a sede do Concelho e a Lagoa de Paramos.

Por isso e para isso considerou e afirmou urgente a abertura de uma Avenida marginal Espinho-Silvalde-Paramos. Mas não se vive apenas de intenções. E o Senhor Presidente da Câmara depa-rou logo com um obstáculo difícil de remover — a Carreira de Tiro — que dificultava o empreendimento a realizar.

E com o andar dos tempos, o pro-

blema só se tem agravado, tendo atingido agora proporções alarmantes.

O mar não investiu apenas no centro: avançou também no sítio onde se localiza a carreira de tiro, tornando-a inaproveitável com o espaço de que agora dispõe entre o edifício e o mar. Por isso, os responsáveis pela Carreira de Tiro pretendem mudar a sua orientação, sob pena de terem de exigir ao Club de Golfe a faixa de terreno que lhe foi cedida entre o edifício da carreira e a linha do Caminho de Ferro.

Tal como o problema se encontra equacionado, Espinho e as suas duas citadas freguesias não só ficam impossibilitadas de fazer o aproveitamento do magnífico areal que se estende de Espinho à Lagoa de Paramos, como ficam privadas do Campo de Golfe de que dispõem e de qualquer acesso a Paramos pelo lado poente. Este é o problema, agravado pela circunstância, já afirmada, de o Ministério do Exército pretender melhorar as instalações da Carreira de Tiro, investindo ali cerca de um milhão de escudos. Se tal acontecer, não será nos próximos vinte anos que o problema terá qualquer solução.

Reconhecemos a utilidade da carreira de tiro e consideramos muito ponderáveis os interesses que representa.

Mas não podemos abstrair de que a sua manutenção no local onde se encontra causará ao futuro turístico do concelho de Espinho prejuízos vultuosíssimos e irremediáveis, que todos lamentaremos num futuro muito próximo.

Sabe-se que a parte sul do litoral de Espinho até aos limites do seu concelho — Lagoa de Paramos — constitui um manancial turístico de valor inestimável, para o qual se projectam urbanizações turísticas de elevadíssimo valor, e única possibilidade de que Espinho dispõe como praia. Ali se concentrarão, num futuro próximo, motéis, estalagens, piscinas, enquadradas na praia, no Golfe, no Aero clube e na Lagoa.

Assim sendo, impõe-se mostrar a realidade a quem tiver poderes de decisão e pedir a transferência da Carreira de Tiro para local próximo, onde, com as mesmas e até melhores vantagens, não constitua entrave ao aproveitamento de toda uma vasta zona de incalculáveis potencialidades.

E a verdade é que a possibilidade de transferência existe, à vista, sem dispêndios e só com vantagens para o Ministério do Exército. Em Maceda, concelho de Ovar, a ponte do Campo de Aviação da N.A.T.O., a escassos cinco ou seis quilómetros do local onde a Carreira de Tiro se encontra agora implantada, existe local para onde pode ser transferida, com grandes possibilidades de ampliação e modernização.

Dizem-nos que para a transferência existe o óbice de sair da área de jurisdição e comando da Região Militar do Porto.

Mas nós, que temos na nossa frente as realidades, não vemos qualquer óbice à transferência e à inclusão da carreira de tiro transferida na região militar a que agora pertence. A solução é, até, fácil, se o legislador a quiser adoptar.

Sabemos que a nossa Câmara Municipal diligência no sentido de ver solucionada a transferência, como a deixamos exposta.

O problema interessa à população de todo o nosso concelho e é daqueles que justificam o alerta de toda a nossa população, para ir em massa a Lisboa expô-lo, se preciso for.

Oxalá que, desta vez, apareça quem nos ouça e ponha termo ao nosso desespero.

AMADEU MORAIS

Academia de Música de ESPINHO

Continuam abertas as inscrições para os novos alunos de PORTUGUÊS-INICIAÇÃO, FRANCÊS E INGLÊS.

INSTITUTO BRITÂNICO

(Academia de Música de Espinho)

Avisam-se todos os novos alunos inscritos no Instituto Britânico que o exame de entrada realiza-se na próxima 2.ª-feira dia 8 pelas 19 horas. As aulas têm o seu início no dia 11 (5.ª-feira). Os horários estão afixados nos Gerais da Academia.

Manicure

Cabeleireira

Ajudantas

Aprendizas

Precisam-se

CABELEIREIRO MANUEL

Telefone 920717

ESPINHO

notícias da cidade

Agenda

NOTÍCIAS PESSOAIS

— Em Macieira de Cambra encontra-se a passar férias, a família do sr. Dr. Manuel Baião Nunes dos Santos.

— Regressou na semana finda de Macieira de Cambra, com sua esposa e filha, o sr. António Correia de Carvalho.

NASCIMENTOS

Adriano José, filho de José Henrique de Carvalho e de Júlia da Conceição Rabaça Alves Carvalho, no Hospital.

Elisabete Maria, filha de António de Castro Soares e de Zélia de Sousa Faria Castro Soares, em Espinho.

Maria Helena, filha de Celestino Pinto Pereira e de Maria do Céu de Sousa Góis, em Silvalde, Espinho.

Cláudia Sofia, filha de Carlos José Fernandes Teresinho e de Maria Carmen de Oliveira Fonseca Teresinho, em Paramos, Espinho.

FALECIMENTOS

DOMINGOS PEREIRA DO COUTO

Faleceu subitamente em 30 de Setembro, no Rio de Janeiro, onde residia, o sr. Domingos Pereira do Couto, natural de Anta, do nosso concelho. Por iniciativa de familiares e amigos, em seu sufrágio, será rezada missa do 7.º dia na Igreja Matriz de Anta pelas 18,30 horas de hoje.

PROFESSOR MIRANDA BARBOSA

Com a idade de 57 anos, faleceu em Lisboa, em 27 de Setembro, o Professor Arnaldo Casimiro Miranda Barbosa, antigo Vice-Reitor da Universidade de Coimbra, de cuja Faculdade de Letras foi Professor Catedrático durante mais de três décadas. Nascido em Espinho, foi durante muitos anos frequentador fiel da nossa praia durante o período estival. O seu funeral realizou-se na manhã de 28 da Igreja de São João de Deus, em Lisboa, para a Capela da Universidade de Coimbra, de onde, à tarde, o féretro foi transportado para o Cemitério da Conchada, onde ficou depositado em jazigo de família.

Com a devida vénia, transcrevemos de «O Primeiro de Janeiro» o seguinte passo da sua biografia: «Muito novo, ascendeu ao magistério, na Faculdade de Letras, substituindo, por ter sido elevado ao episcopado, D. Manuel Trindade Salgueiro, de quem fora discípulo dilecto e continuador, na regência de várias cadeiras de Filosofia, designadamente História da Filosofia Medieval, Teoria do Conhecimento e Moral, para as quais revelara especiais aptidões. Além das teses de licenciatura e de doutoramento e das dissertações para professor, Miranda Barbosa pouco mais produziu nos domínios da Filosofia e da História, cingindo-se a sua actividade intelectual às tarefas docentes, à participação em alguns colóquios e congressos, à elaboração de artigos para revistas da especialidade e, ainda, a orações destinadas a celebrar actos relacionados com o ritual universitário e académico. Paralelamente, o Prof. Miranda Barbosa consagrou-se à vida política e, por vezes, de forma bastante extensa. Monárquico tradicional, com funções de relevância na respectiva «Causa», tomou parte activa em diversas tertúlias de Coimbra e, por outro lado, interveio de forma reveladora, no início dos anos 60, nas «Semanas de Estudos Doutrinários».

Faleceu no dia 7 do mês findo, no Rio de Janeiro, onde se encontrava radicado, o Sr. Alberto da Rocha Mano, casado com a Sr.ª D. Maria Emilia Mano, pai da Sr.ª D. Maria Helena Mano.

O finado era irmão dos Senhores Américo, Arlindo, Domingos e Ricardo e das Sr.ªs D. Maria, Cassilda e Helena da Rocha Mano. A família participa que a missa do 30.º dia se realiza na próxima 2.ª feira, dia 8 do corrente pelas 19 horas, na Igreja Paroquial de Espinho, agradecendo a presença das pessoas amigas a este piedoso acto.

DO HOSPITAL

De 26 de Setembro a 2 de Outubro

Internamentos gerais, 65.
Exames radiográficos, 120.
Crianças nascidas, 20.

Intervenções cirúrgicas:

Cirurgia geral, 13; Obstetria, 3; Oftalmologia, 1; Otorrino, 23; Urologia, 2.

Serviços de urgência:

Homens, 123; Mulheres, 133.

Internados entre outros:

Conceição Alves Rodrigues da Silva Coelho, de Lamas, para Obstetria.

Antónia Prata Lopes Couto, de Espinho, para Obstetria;

Maria Oliveira Fonseca, de Anta, para Medicina.

Laura Morais da Silva Alves Pinto, de Espinho, para Obstetria.

Aida da Conceição Ferreira dos Santos A. Resende, de Espinho, para Obstetria.

Joaquim Ferreira Lopes, de Silvalde, para Medicina.

Maria Margarida da Costa Pereira, de Espinho, para Cirurgia.

JURAMENTO DE BANDEIRA NO G.A.C.A. 3

Realizou-se na passada quarta-feira no Grupo de Artilharia Contra Aeronaves n.º 3, aquartelado em Paramos, o Juramento de Bandeira dos soldados recrutados da terceira incorporação deste ano.

Após a alvorada festiva e o hastear da bandeira, procedeu-se à formatura geral. Lidos os deveres militares e ouvida uma alocução por um oficial da Unidade, os recrutas prestaram o seu juramento de bandeira. Seguiu-se uma distribuição de prémios, encerrando-se a cerimónia com um desfile das forças da Unidade.

CASAMENTOS

Fernando Pinto Pereira com Adelina Maria de Oliveira Pimenta, na Igreja de Anta.

Pedro Joaquim Oliveira Andrade com Noémia da Silva Andrade, na Conservatória do Registo Civil de Espinho.

Fernando Ferreira Gomes com Maria Alzira Correia, na Igreja de Paramos.

Cândido Mendes Martins da Agra com Isaura Maria Rodrigues Henriques, em Fátima.

VENDE-SE

RECHEIO DE CAFÉ-RESTAURANTE que pode ser visto no restaurante da piscina de Espinho todos os dias. Tratar com Azevedo.

DECLARAÇÃO

MÁRIO PINTO DOS SANTOS, casado, natural da freguesia e concelho de Espinho, onde reside na Rua Vinte, 829, declara para os devidos efeitos que se não responsabiliza por quaisquer dívidas contraídas por sua mulher GRACINDA TEIXEIRA MENDES, em virtude de se ter ausentado do lar conjugal.

Espinho, 2 de Outubro de 1973

Mário Pinto dos Santos

CONDUÇÃO ILEGAL

Foi remetido ao poder judicial por conduzir automóveis ilegalmente José Miguel Cortez da Silva Lopes, residente na Rua Padre Alexandre, 49, Porto, que foi detido nesta cidade pela P.S.P. no passado sábado.

EMBATE DE AUTOMÓVEIS

Na Rua 62, no passado sábado, embateram os automóveis FL-63-10 (de passageiros) e ID-89-50 (misto), que ficaram seriamente danificados. Conduzia o segundo veículo Avelino Fernando Castro Ramos, de Vilar, S. Cosme, Gondomar, que depois de assistido no Hospital de Espinho, foi transportado ao de Santo António, no Porto, onde ficou internado. Semelhante sorte teve Armindo Alberto Vitorino, da Praça do Município, 287, Porto, o qual viajava no primeiro dos citados carros, conduzido por Luís Manuel Nunes Ferreira, que não tinha licença de condução.

AVISO

Manuel Lopes da Rocha Gomes, Tesoureiro da Fazenda Pública do Concelho de Espinho.

Faz saber que, durante o próximo mês de OUTUBRO, se encontrarão à cobrança, sem juros de mora, a contribuição e imposto seguintes:

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL — GRUPO B (LIQUIDAÇÃO COMPLEMENTAR) do ano de 1972

IMPOSTO COMPLEMENTAR — SECÇÃO A do ano de 1972

Tanto a contribuição como o imposto antes referidos, deverão ser pagos, por uma só vez, no mês de OUTUBRO.

Desde que o pagamento se não efectue naquele mês do vencimento, começarão imediatamente a correr juros de mora.

Passados 60 dias sobre o vencimento sem que o pagamento se tenha efectuado, haverá lugar a procedimento executivo para arrecadação da dívida.

Para constar se passou o presente e idênticos que vão ser afixados nesta Tesouraria da Fazenda Pública e na Repartição de Finanças.

A P. R. P. DIVULGA O CÓDIGO



A prioridade de passagem permite aos condutores que dela gozem não modificar a sua velocidade ou direcção, uma vez tomadas as indispensáveis precauções.

Para que gozemos da prioridade de passagem não podemos deixar de nos certificar de que poderemos passar sem criar qualquer risco. A prioridade termina onde o perigo começa.

Se nos apresentarmos pela direita, esse facto não nos concede a faculdade de avançarmos sem previamente nos certificarmos de que não haverá perigo de acidente.

Se não existir sinalização em contrário, cedamos sempre a passagem:

— As ambulâncias e aos veículos de Bombeiros e da Polícia, bem como a quaisquer outros que transportem, em serviço urgente, feridos ou doentes, desde que assinalem a sua marcha.

— As colunas militares.

— Cedamo-la, também, aos condutores de quaisquer veículos ou de animais, sempre que sairmos de um parque de estacionamento, prédio ou caminho particular.

A prudência do condutor avalia-se mais profundamente quando actua em situação de vantagem relativa.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

HOJE E AMANHÃ — FARMÁCIA PAIVA — RUA 19 — TELEF. 920250.

CINEMAS

S. PEDRO

Hoje, sábado, 6 — *Meu nome é Malory «M» como morte*, com Robert Wood e Gabriella Giorgelli — 14 anos.

Amanhã, domingo, 7 — *A guerra entre homens e mulheres*, com Jack Lemon e Barbara Harris — 18 anos.

Terça-feira, 9 — *O Lago de Drácula*, com Choei Takahashi e Midori Fugida — 18 anos.

Quinta-feira, 11 — *Amantes desconhecidos*, com James Coco e Jennifer O'Neill — 18 anos.

Sexta-feira, 12 — *Mocidade sem freio*, com David Hemmings e Carolyn Seymour — 18 anos.

CASINO

Hoje, sábado, 6 — *Estranho contrato*, com James Coburn e Lilli Palmer — 18 anos.

Amanhã, domingo, 7 — *O último adeus*, com Sophia Loren e Marcello Mastroiani — 14 anos.

Segunda-feira, 8 — *Mala diplomática para o Cairo*, com Audie Murphy e Marianne Koch — 10 anos.

Quarta-feira, 10 — *Continental Circus*, com Jack Findlay e Nanou — 10 anos.

Quinta-feira, 11 — *Destinos nas trevas*, com Clint Eastwood e Jessica Walter — 18 anos.

Sexta-feira, 12 — *Os insaciáveis*, com George Peppard e Martha Hyer — 18 anos.

OFERECE-SE

CORRESPONDENTE DE INGLÊS com larga prática para trabalhar part-time ou regime livre. Resposta à redacção ao n.º 26

Tesouraria da Fazenda Pública do concelho de Espinho, 19 de Setembro de 1973.

O Tesoureiro da Fazenda Pública,
Manuel Lopes da Rocha Gomes

AMADEU MORAIS

AMADEU
M E L O
MORAIS

Rua 62 N.º 175
Telef. 920273
E S P I N H O

|||

Praça Guilherme Gomes
Fernandes, 38 - 1.º
Telef. 27138

ADVOGADOS

P O R T O

J. A. Ferreira de Campos

DULCE DE
OLIVEIRA
CAMPOS

Rua 11 N.º 877
Telef. 922210
E S P I N H O

|||

Rua Trindade Coelho, 5-1.º
Telef. 31566

ADVOGADOS

P O R T O

Fernando Guimarães

Rua 19 N.º 192-1.º
Telef. 922432
E S P I N H O

|||

Praça Carlos Alberto, 60
Telef. 380516

P O R T O

|||

Resid.: Rua 33 n.º 1605
Telef. 922432

ADVOGADO

E S P I N H O

JOSÉ OLIVEIRA

Rua 19 N.º 401-1.º
Telef. 920093 P. F.
920959

Resid.: Rua 9 n.º 868
Telef. 920770

SOLICITADOR

E S P I N H O

Inauguração do Tribunal de Espinho

(Continuação da pág. 1)

novos empossados as maiores felicidades em Espinho e à comarca de Espinho a grandeza que bem merece.

Usou a seguir da palavra, em nome dos advogados espinhenses o Dr. Amadeu Morais, que falou da sua satisfação pela realização de um anseio da sua juventude, saudou os novos magistrados, garantindo-lhes, em nome dos profissionais do foro espinhense, a mais leal colaboração e desejando-lhes as maiores venturas, acabando por dirigir-se ao Senhor Governador Civil a fim de lhe agradecer o patrocínio que concedera aos espinhenses para a obtenção da sua comarca.

Falou em seguida o Meretíssimo Juiz da comarca de Espinho, que agradeceu as referências que lhe foram feitas e os votos de felicidades que lhe haviam sido endereçados, fazendo um apelo a todos os espinhenses para que naquela sala predomine sempre a verdade,

única forma de proporcionar a Justiça que todos desejamos.

Encerrou a sessão o Ilustre Governador Civil do Distrito, que disse da sua satisfação pela criação da comarca de Espinho, saudou os novos magistrados, disse estar certo de que Espinho seria uma grande e eficiente comarca e, peremptoriamente, afirmou que ainda esta semana viria a Espinho acompanhar uma alta individualidade e os técnicos do Ministério da Justiça, a fim de ser escolhido o terreno necessário e que, feita a escolha, imediatamente seria elaborado o projecto, para ser construído o novo Palácio da Justiça de Espinho.

Embora o Senhor Governador Civil o não tivesse dito expressamente, toda a gente compreendeu que a alta individualidade seria o Senhor Ministro da

(Continua na pág. 8)



O Dr. Amadeu Morais, falando em nome dos advogados.



O Sr. Presidente da Câmara saúda os magistrados.



O Dr. Juiz da Comarca de Espinho prestando juramento.



O Sr. Delegado do Procurador da República, lendo o seu compromisso.



O Sr. Governador Civil de Aveiro encerrando a sessão.

LIMA SANTIAGO

Largo da Graciosa, 41-1.
Telef. 891981
ESPINHO

ADVOGADO

A ABERTURA DAS AULAS

INTRODUÇÃO

No princípio desta semana as escolas abriram as portas a cerca de um sexto da população portuguesa. Para cerca de 7200 jovens, isso aconteceu no concelho de Espinho. Que outra justificação precisaríamos para que «Abertura das aulas» fosse tema em HOJE?

Não longe vai o tempo em que a compra de uma pasta ou de uma gravata nova, eram problemas essenciais dos poucos que com o Outono viam chegar o dia de ir para os «estudos». Este ano, o grande contingente discente mobilizado e o ambiente optimista em que se processa a reforma em curso (alargamento da rede escolar, prolongamento da escolaridade obrigatória), por um lado; a manutenção inalterável dos estabelecimentos de ensino existentes, sua improvisação e a constatação das realidades materiais, por outro, põem, ao encargo de educação mais esclarecido ou obviamente mais afectado, problemas de índole bem diferente.

Alguns desses problemas são os abordados por nós, quer através de estudos que sendo incipientes podem, temos esperança, constituir elementos subsidiários que sirvam de ponto de partida a quem esteja interessado em participar num esforço que não é mais de «cada um» que de todos; quer dialogando directamente com um dirigente escolar que nos ilustrou a urgência da construção do novo edifício liceal e da criação de centros de actividade extra-escolar nesta cidade.

Poderá a maneira como é feita essa abordagem, deixar a ideia de que temos lirismos frente a uma realidade económica, esquecemos estar perante a explosão escolar, sobrevalorizamos a actualidade dos problemas, etc. Adiantamos desde já que, segundo estudos levados a cabo noutros países e menos-prezando um pouco a desvalorização de um estudo estatístico ao atravessar fronteiras, mais do que o progresso científico e do que o aumento de capi-

tal, é o desenvolvimento do ensino, determinante do avanço económico, logo estarem as recentes disposições em favor do ensino, particularmente o prolongamento da obrigatoriedade e gratuitidade do mesmo, menos identificadas com beneficência e mais inseridas numa política de desenvolvimento económico. Invocar uma explosão escolar, para justificar a inadaptação das estruturas (edifícios escolares, professores, meios de transporte, etc.) existentes não nos parece válido atendendo a que desde há dez anos se conhece a expressão quantitativa que alcançou este ano a nossa população escolar. Para avaliar da actualidade dos problemas, bastará uma opção consciente sobre qual o estrato da população mais significativo na nossa cidade.

Esboçados o porquê, o quê e o como do nosso trabalho, parece-nos, à maneira de conclusão, que não são ainda as crianças que ora se iniciam na escola que estão na via de uma verdadeira democratização (= igualdade de oportunidades) do ensino. Apesar da gratuitidade da 1.ª etapa continuarão, finda (dada a sua obrigatoriedade) esta, a pesar todos os outros factores que fazem do estudante, para o agregado familiar, uma despesa por um lado e uma não-fonte de rendimento por outro. Assim, a frequência dos nossos ensinos médio e superior continuará a fornecer a imagem inversa da nossa sociedade: uma minoria oriunda das classes maioritárias.

Não finda este trabalho com a publicação do presente número. Para o próximo contamos com a colaboração dos nossos leitores que propomos nos escrevam expondo os seus problemas mais concretos neste campo, ou colaborando directamente connosco se por nós abordados. A nossa direcção é: SUPLEMENTO HOJE — DEFESA DE ESPINHO — RUA 19 — ESPINHO.

FALA UM DIRIGENTE

ENTREVISTA COM O REITOR DO LICEU

As carências e os problemas que nos preocupam, vão sendo solucionados da melhor maneira possível — asseverou o Reitor do Liceu Nacional de Espinho, Dr. Fernando Pereira de Lima.

— Serão as instalações de que dispõe o Liceu de Espinho suficientes para alojar os alunos inscritos?

— Este ano já fizemos uma comunicação à Direcção Geral de Ensino Secundário no sentido de aumentar a nossa capacidade de salas, visto que, como sabem, funcionamos nas antigas instalações do colégio de S. Luís, as quais, evidentemente, não comportam o número de alunos que já hoje o Liceu de Espinho tem. Fizemos o pedido no sentido de nos instalarem mais 4 pavilhões. Mantivemos o pedido vários meses, renovamos as reuniões com o sr. Director Geral. Esses pavilhões forneceriam 8 salas, 30 alunos por sala, ou seja alojaríamos cerca de 240 alunos. Infelizmente, o tempo foi passando, os pavilhões não se construíram e no dia 8 de Agosto fomos informados que era humanamente impossível à administração escolar fornecer essas salas. Ficámos desolados e chegámos a encetar a hipótese de ter que recusar matrículas, o que felizmente não se verificou visto o número de alunos, que eu tinha pre-

visto para este ano, cerca de 1100, não ter sido atingido.

Funcionamos hoje com 900 e tal alunos e conseguimos em pleno desdobramento, utilizando o edifício sede e os pavilhões que o ano passado nos foram construídos, evitar a recusa de matrículas. O problema para o ano vai ser tremendo, ainda há dias com o sr. Presidente da Câmara discuti o assunto e desde já vamos tentar que a Direcção Geral nos construa os pavilhões, pois senão ver-nos-emos obrigados a recusar matrículas o que era de facto muito lamentável. Ter um Liceu novo e ter de recusar alunos.

— Além da falta de salas, nota-se a carência de uma cantina...

— Exactamente. Um problema que só será resolvido com um novo edifício, que, segundo informações que tive só será entregue dentro de 24 meses, e isto se os trabalhos decorrerem com a rapidez que se pretende.

— Quanto às salas de convívio...

— Bem, com as antigas instalações de que dispomos é-nos impossível ter uma sala polivalente onde os alunos possam estar à vontade. Nós aqui, e por iniciativa de algumas senhoras pro-



fessoras, conseguimos criar uma sala-convívio para as alunas apenas. Como as suas dimensões são muito limitadas, não pôde ser aberta a todos. Para os rapazes, o problema evidentemente também nos preocupava, especialmente naqueles instalados nos pavilhões. Estávamos preocupados o ano passado por os ver sem instalações nenhuma na altura em que algum professor faltava, embora nós permitíssemos, nesse caso que, eles ficassem nas salas, mesmo assim nunca estavam à vontade. Então arranjámos para eles uma dependência que era destinada à secretaria do liceu se funcionasse no edifício dos pavilhões. Criámos lá uma espécie de pequena sala destinada aos alunos e nessa altura como era já de maior capacidade, permitiu-se que as alunas também lá estivessem.

— A política de turmas mistas está, portanto, a estender-se tanto quanto possível a todos os níveis...?

— Exactamente. Claro que o ideal era ter turmas mistas em todos os anos, nem sempre é possível. No 1.º, 2.º, 3.º anos do liceu (antigos 3.º, 4.º e 5.º) isso não é possível para já por causa da organização dos horários. Como sabem temos nas turmas femininas a disciplina de labores, que os rapazes não têm, há também a disciplina de moral e religião que está separada para rapazes e para raparigas e há o problema da educação física que tem também professores diferentes, masculinos e femininos. De forma que a organização dos horários num liceu condicionado às instalações precárias que temos não permitiria muito um ensino misto. No 6.º e 7.º isso já se torna possível. Agora à medida que o tempo for passando iremos encaminhando as coisas nesse sentido. Até mesmo há aqui uns recreios, no edifício da sede, que inicialmente estavam separados e agora até vou tentar que a Câmara me faça uma obra para ficarem em comum. De facto, no edifício onde estamos frequentam mais raparigas que os rapazes, eles têm um recreio maior do que o das pequenas que é só um pequeno rectângulo. De maneira que vamos tentar agora criar esse convívio durante os intervalos, porque isso nos parece mais indicado.

— Vai pois desaparecer o muro que dividia os...

— Sim, para fazer isso pedi ao Sr. Presidente da Câmara e ele disse que talvez dentro de uns 15 ou 20 dias me faria essa obra. Faremos até um «bufet» no edifício em que funcionava o ginásio, que será também uma sala de convívio de alunos e alunas e até para os senhores professores poderem contactar com os alunos durante os períodos de recreio.

— O problema das turmas mistas só depende das disciplinas que os alunos de diferente sexo têm em separado?

— Exactamente. Estão condicionadas por essas disciplinas pois torna-se muito difícil um horário coordenado.

★

— Nota-se cá em Espinho uma falta de coordenação entre os horários de transportes e do início e fim das aulas, que obriga a longos períodos de tempo perdidos por parte dos alunos. Como sente o Liceu esse problema?

— O ano passado foi um problema que me preocupou imenso e que me levou com uma professora do Liceu a dirigir-me ao Sr. Presidente da Câmara,

a ver se ele conseguia influenciar as empresas dos transportes, para criarem um horário mais chegado para permitir aos alunos que não moram em Espinho mais facilidades. Como sabe esses problemas de transportes estão ligados à D.G.T.T. e qualquer alteração de horário, implica grandes dificuldades e estudos profundos, de forma que o ano passado não se conseguiu e foi até um dos motivos que levou a organização do Salão de Convívio: A.R.C.A. As alunas às vezes estavam aqui até às 5, 6, 7 da tarde, sôzinhas pelas esquinas, à espera de um meio de transporte. Este ano tenho a impressão de que o assunto está em parte resolvido. Todas as empresas que servem Espinho, já sabem o nosso horário e portanto já estão a entrar em diligências com as entidades superiores no sentido de se criar um horário que permita, aos alunos, ir e vir sem grandes problemas. Para facilitar esse aspecto estabelecemos este ano, no 1.º ano, que os alunos de Espinho teriam aulas de manhã e os alunos que moram fora de Espinho, de tarde. Com este sistema já se foi ao encontro das principais dificuldades, parece-me aliás que o mesmo se faz no ciclo Preparatório.

— Não serão os horários um pouco pesados, acabando as aulas muito tarde e, por isso, dificultando a coordenação com os horários de estudos?

— Esse problema no ano passado foi de facto trágico, especialmente no 1.º ano complementar. Como sabem no ano passado começou no País um sistema novo: o aluno escolhia as (6) disciplinas que pretendia frequentar, e, por vezes, um aluno mal esclarecido, ou até por simpatia pelas disciplinas, dificultou imenso a organização dos horários, com a formação de combinações difíceis. Este ano a D.G.E.S. viu o problema, que aliás foi geral em todo o País, e deu outras normas. Portanto tenho a impressão que as coisas já não irão ter aquela gravidade do ano último e os alunos já perderão aqui menos tempo.

★

— O ensino nocturno já cá existe na Escola Técnica e, este ano, no Ciclo Preparatório. Porque razão não foi criado no Liceu?

— Foi um dos problemas que nos preocuparam. Noutros liceus, no ano passado, houve, em sistema experimental e até, em alguns, nem sempre deu resultado; os alunos de começo matricularam-se, mas depois no decorrer do ano iam abandonando, o que originou desânimo quanto ao ensino nocturno. Este ano, na altura das matrículas apenas fui abordado por três alunos que pretendiam o curso nocturno. Informei-me junto do Sr. Director Geral e ele disse-me que nos liceus mais pequenos, em que as secretarias ainda não estão montadas, talvez seja melhor aguardar a experiência de outros liceus. De forma que foi resolvido esperar mais um ano; no próximo, eu tenho quase a certeza, a não ser que o Sr. Ministro decida o contrário, que vamos ter ensino nocturno para os primeiros anos dos cursos Geral e Complementar e depois, lentamente, haverá para todos os anos.

— Abordando questões mais ligadas com a reforma do ensino: esta grande corrida às escolas não trará problemas como, por exemplo, o recrutamento de um corpo docente qualificado?

— Sim, um dos problemas mais difíceis é o do recrutamento do corpo do-

O PROBLEMA DOS LIVROS

Uma análise, mesmo que limitada dos múltiplos problemas do ensino requer uma paragem, uma reflexão atenta sobre o livro escolar. Os diversos níveis a que o problema se põe, como sejam o custo, os circuitos de distribuição e venda, a produção, etc., não facilitam a que, na generalidade dos casos, dele se tenha uma perspectiva clara.

Do aspecto do custo, são particularmente sensíveis os chefes familiares que são postos, neste princípio de aulas, perante a necessidade de disporem de algumas (na maior parte dos casos largas) centenas de escudos que, na maior parte dos casos também, só vêm complicar ainda mais o já difícil equilíbrio da balança económica familiar.

O recém anunciado aumento da escolaridade obrigatória e gratuita para 8 anos terá que ser entendida num contexto bastante amplo pois que, se é verdade que a isenção do pagamento de propinas alivia o orçamento familiar, não se deve esquecer no entanto o actual preço dos livros e do material didáctico em geral.

Ao observarmos o quadro que nos indica os preços dos livros necessários para os diversos cursos, podemos interrogar-nos acerca das dificuldades que cada um irá ter em adquiri-los consoante o respectivo orçamento.

Será que, com o nosso nível de vida,

com a constante diminuição do poder de compra da moeda poderemos responder às exigências económicas do ensino que se diz gratuito?

A batalha do ensino trava-se a todos os níveis da vida nacional. Deverá ser um esforço de todos. Será justo então que o livro escolar constitua importante matéria de lucro para o sector privado? A verdade é que o clássico sistema autor-editor-distribuidor-livreiro faz com que o livro escolar chegue às mãos do consumidor a preços que estão bem longe de se poderem considerar aceitáveis e isso emplica imediatamente que o esforço económico, no que respeita a livros, vá recair totalmente sobre o agregado familiar.

Existem no M.E.N. comissões pedagógicas que realizam um esforço de actualização e dinamização do ensino. Da colaboração dos autores, a trabalhar a título oficial, com essas comissões resultaria um livro escolar mais actualizado, e certamente em mais aceitáveis condições de venda se a edição e distribuição se fizessem através de órgãos oficiais competentes.

A solução que referimos não será a única. Não a defendemos sequer como a melhor. Achamos sim, que é urgente estudar e pôr em prática uma qualquer solução deste tipo. Só assim teremos um ensino acessível a todos os portugueses, sem excepção.

CIDADE POSSÍVEL

As aulas (re)começaram. Todos nos apercebemos disso quando um dia, de repente as ruas amanheciam mais ruidosas e agitadas, orgulhosamente ocupadas por uns seres que parecem surgir de toda a parte, sobraçando pastas e livros, rindo e falando em altos brados, ansiosos por tomarem conta da cidade que durante 3 meses lhes fugira. É a redescoberta sempre nova de *uns e outros*, é a primeira tomada de consciência, por parte de *uns*, da sua força como colectivos em movimento; é, por parte de *outros*, uma indiferença, uma saudade, talvez uma esperança...

Seja como for, a cidade é deles, é claro que não detém a força económica ou política da mesma, mas o espírito de cidade, no seu mais puro sentido de convivência entre iguais, de identificação de interesses, de motivação colectiva é por eles assumida sem discussão, até porque os *outros* se mostram interessados noutros «espíritos» que nada têm a ver, por opostos, com aqueles sentimentos. E os dois mundos, interdependentes e coexistindo pacificamente, vão-se afastando um do outro e, em breve, como traço de união, restam apenas aspectos secundários de prestação de serviços (transportes, comércio, etc.). Assim se inicia a marginalização dos jovens, que os acompanhará até se colocarem do outro lado da cidade, onde passarão a confundir-se com os *outros*. Muitos, aliás, não se aperceberão disso, e continuarão felizes por poderem rir livremente, com gestos longos e descuidados, alheios a si próprios e a uma sociedade que apenas aparentemente está interessada na sua formação integral.

A. SANTOS

ESCOLA PREPARATÓRIA

1.º ano	260\$00
2.º ano	257\$00

LICEU

Curso Geral

1.º ano	478\$50
2.º ano	572\$50
3.º ano	475\$00

Curso Complementar

(Uma média de 8 livros, que orçam pelos 60 a 80 escudos).

ESCOLA COMERCIAL E INDUSTRIAL

Curso Comercial

1.º ano	455\$00
2.º ano	250\$00
3.º ano	410\$00

Curso Industrial

.....	447\$50
.....	300\$00
.....	225\$00

Formação Feminina

.....	385\$00
.....	165\$00
.....	120\$00

OS TRANSPORTES

A falta de meios de transportes específicos é uma das não poucas carências de que enferma o nosso sistema escolar. Não podemos, evidentemente, pensar num tipo, para nós luxuoso, de transporte que leve o aluno da porta de casa à porta da escola que isso não se coaduna com as realidades do nosso ambiente sócio-económico. Não será, no entanto, demais obrigar a um esforço, da parte de quem explora a rede de transportes, no sentido de participar na «batalha do ensino».

Espinho não é das localidades do país onde este problema seja mais notório, podendo no entanto pôr-se sobre dois aspectos:

1 — Os Preços

Sabe-se que os meios de transporte que ligam Espinho às populações vizinhas são explorados por diversas empresas de camionagem e pela C.P. Ora, os estudantes que necessitam, por carência local, de se deslocar até aqui, são uma parcela significativa dos habituais passageiros desses meios. Seria, então, racional que tais empresas realizassem descontos especiais para estudantes, que, na maioria, são de classes monetariamente menos favorecidas, aliviando assim as despesas a que a frequência das escolas obriga.

No entanto, verifica-se na prática algo um pouco diferente. Os poderes públicos, protegem as empresas impedindo que os estabelecimentos de ensino tenham viaturas próprias. Das cinco empresas de camionagem que servem Espinho, duas delas fazem desconto de 30% a estudantes quer a trabalhadores, enquanto as outras não conferem qualquer desconto. No caso da

C.P. os estudantes beneficiam de desconto de 60%, o que nos parece bastante acertado!

O que estará a impedir uma acção no sentido de levar as empresas de camionagem a conceder facilidades idênticas aos estudantes? Será que os lucros e protecções que auferem não lhes permite isso?

2 — Os horários

Ninguém, em princípio, ignora as principais consequências da falta de coordenação entre os horários escolares e os horários dos transportes, que se observa em Espinho: os alunos ficam cá até tarde sem almoçar pois nem todos poderão suportar a despesa diária dum refeição fora de casa; alunos que perdem grande tempo à espera de transporte, e o que é pior não há locais onde esse tempo possa ser aproveitado; alunos que não podem estudar à noite pois as redes viárias, parece, fecham às 20 horas. Tivemos notícia de que as pessoas que dirigem os estabelecimentos de ensino da cidade, já se ocuparam do assunto. Burocratismos de outra ordem forçam a «que na abertura das aulas o panorama seja conflagrado».

Assim uma observação superficial dos horários de chegada a Espinho pela manhã permite ver que se os alunos oriundos de Picoto, Moselos, Carvalhos, Grijó, Corvo, etc. têm de correr para apanhar as aulas, aqueles que utilizam o comboio (meio que melhores vantagens económicas oferece) têm de aguardar quase hora e meia para o começo das aulas. No fim da manhã nova corrida para o regresso. Num caso e nou-

(Continua na pág. 8)

INSTALAÇÕES

Não é dos tempos de hoje a relação directa, existente, entre o local de trabalho e rentabilidade do mesmo.

A moderna arquitectura adquiriu já uma especialização no tratamento dos locais de trabalho, no que diz respeito à sua localização, iluminação, estética, etc.

A Escola é, também um local de trabalho; descrever um edifício escolar dentro das características óptimas não caberia no espírito deste suplemento. Podemos, no entanto, adiantar que esses edifícios existem já entre nós e são os recentemente construídos no Porto, segundo normas e projectos da C.C.D.E., a cujo auxílio económico em parte se devem.

A fase transitória da reforma do Ensino, criando uma série de estabelecimentos de ensino e prolongando a obrigatoriedade deste provocou uma verdadeira corrida às escolas, mas não pôde atender de imediato, por não acompanhada de uma reforma económica, à solicitação de instalações dentro da situação já definida.

Aqui surge o interesse e o dinamismo das populações locais, mobilizando toda uma série de precários meios provisórios ou os organismos ligados ao M.E.N., recorrendo a pavilhões pré-fabricados.

Espinho enquadra-se neste panorama. Assim, as aulas abriram e os 900 alunos do ensino liceal e cerca de 1300 do ensino preparatório estão sujeitos a todos os inconvenientes pedagógicos consequentes das instalações provisórias.

Os 2 edifícios por onde já se distribui o ciclo preparatório em Espinho são uma ilustração do que acabamos de afirmar. Por outro lado, se o facto deste ensino funcionar em desdobraimento se deve, para já, apenas a uma imposição da D.G.E., não deixa de ser sintomático dum próxima exiguidade de instalações, o não se ter podido extinguir o ensino complementar (5.ª e 6.ª classes) num raio de 4 Km. em torno de Espinho (determinado por um despacho ministerial) por as existentes não poderem comportar cerca de 400 alunos que daí adviriam. O que se passa no liceu é-nos noutra parte descrito pelo seu Reitor.

Desde a elevação de Espinho a cidade, têm-se vindo a enunciar as principais etapas a percorrer na direcção de uma verdadeira dimensão como tal. Encarando o sector escolar nessa perspectiva temos que: o actual edifício da Escola Industrial e Comercial, até porque a frequência do ensino tecnológico tende a estacionar, poderá ainda durante algum tempo, corresponder às exigências numéricas e pedagógicas. O novo liceu, cuja construção está para breve, é de esperar que esteja dimensionado para o aumento da população escolar desta cidade (126 alunos sete anos atrás, 900 este ano).

E o ciclo preparatório? Esperarão os responsáveis resolver o problema com a sucessiva amontoação de baracas? Ao ouvir falar em 50 000 contos a investir num novo Casino (!) apetece-nos pensar que não.

HOJE

SUPLEMENTO

ELABORADO POR:

ADRIANO CARDOSO

CARLOS GAIO

EDUARDO MENDES

JORGE CATARINO

Medicina Laboratorial**DR. VICTOR HUGO**

Rua 19 n.º 178-1.º Esq.—Tel. 920807

DR. SECO JULIÃO

médico

Consultório—Rua 19 n.º 178-1.º Esq.
Telef. 920807às 2.ª 4.ª e 6.ª feiras com hora
marcada a partir das 15 horas**Dr. Aucíndio Valente**

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças Nervosas e Mentais
RUA 20 N.º 500-1.º-TEL. 921014
Dias: 3-as e 6-as feiras com hora marcada**Pinto de Matos**Médico Especialista, ex-Assistente dos Serviços
de Ortopedia das Universidades de Lausane
e Edimburgo
Fracturas e Doenças dos ossos e Articulações.**Ausente em Inglaterra**Rua 19 n.º 364-1.º - Tel. 921218
ESPINHO**Carlos Matos Viegas**

MÉDICO

Clínica Geral

Boca e Dentes

Rua 19 n.º 304-1.º Dt.º.—Tel. 921024

José Luís F. Barbosa

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças dos ossos e Articulações

Consulta todas as 3.ªs feiras a
partir das 14 horas, na Policlí-
nica do Dr. Miranda Valente —
Rua 31 n.º 321 — Espinho — Tele-
fone 920689, p. f. marcar consulta.**Dr. José Manuel Gomes
de Almeida**

Clínica Médica e Cirúrgica

RUA 19, 364-1.º - ESPINHO
Consultas marcadas pelo tel. 921218**CASA DE SAÚDE
DE ESPINHO**Reabriu para internamento em
Cirurgia, Partos e Medicina,
estando ao dispor de todos os
Clínicos**Dr. Rogério Ribeiro**

Médico Especialista de Medicina Física e Reabilitação

Consultórios: Rua 20 n.º 500-1.º — Telefone 921 014
Rua Santa Catarina, n.º 778-1.º—PORTO
Telefone 33868**J. Pinheiro de Moraes**

Médico

Clínica Geral—Diagnósticos

Consultas com hora marcada

Rua 20 n.º 390 — Tel. 920452

Dr.ª Emília Pedrosa Santiago

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16
às 19 horas**Centro de Enfermagem de Espinho**

III

Rua 16 n.º 868

Tel. 921587 (das 8 às 24 h.)

Tel. 922329 (« 24 às 8 h.)

ESPINHO

Uma Organização

ao Serviço do

MÉDICO e do DOENTE.

Aberto das 9 às 24

COLÉGIO DE N.º S.º DA CONCEIÇÃOCURSOS: Liceal • Ciclo Preparatório • Primário • Infantil •
Iniciação Musical • Artes Plásticas e Decorativas •
Música com Exames no Conservatório • "Ballet" •

Telefone 920303 — ESPINHO

HOJE**FALA UM DIRIGENTE**

(Continuação da pág. 6)

absorvido pelos cafés ou por toda uma série de divertimentos que não lhe conferem qualquer formação. Como encara esse problema?

— Também esse problema nos tem interessado. A D.G.E.S. criou uma secção destinada a valorizar o meio local indo ao encontro dos anseios da população, não só da escolar como da população geral. Já se fizeram algumas experiências, por exemplo, em Braga. Pensei no ano passado organizar uns cursos desse género — cursos livres em que se tratariam assuntos económicos, de geografia, históricos, filosóficos, de arte, música, etc., infelizmente as nossas instalações não o têm permitido. Vi com agrado que, por exemplo, a A.A.E. chegou a organizar uma série de sessões culturais que têm interesse. Infelizmente notava-se uma confrangida falta de assistentes. E preciso vencer essa apatia em que, por vezes, a juventude vive sabendo interessá-la o chamá-la a esses centros de convívio.

— A meu ver essa apatia está na razão directa de toda uma série de solicitações movimentadas de vários géneros (bilhares, máquinas americanas, etc.) exploradas no sentido de absorver o pequeno poder de compra do aluno e que apresenta de imediato, para ele, mais atractivos do que actividades que visem a sua formação, suplementando a acção da escola.

— Talvez que este ano se consiga, seguindo a orientação da D.G.E.S. colaborando com as entidades culturais da terra, criar uma série de actividades que desviem em parte o aluno desses entretenimentos menos positivos. E tudo uma questão de se conseguir bons colaboradores e bons centros de interesse.

cente. Ultimamente com as facilidades que o M.E.N. tem concedido, assistimos a um aumento dos cursos superiores. Há de facto mais licenciados e até bacharéis que já abastecem o «mercado» de professores. Aqui em Espinho não temos grandes dificuldades e como estamos perto do Porto, a nossa cidade é muito pretendida e, por isso mesmo, quase todos os professores são devidamente qualificados. O corpo docente está perfeitamente abastecido exceptuando-se algumas disciplinas como, por exemplo, a de Geografia para a qual temos falta de pessoas.

— O Liceu continuará a ter um certo cunho de elite? Será um ensino destinado a determinado sector da população, mais qualificado do que, por exemplo, o ensino técnico?

— Bem, eu tenho impressão que hoje já há uma nova mentalidade. Nos anos anteriores havia a ideia de que certos elementos das classes mais modestas e nível social mais baixo frequentavam mais as escolas técnicas, que têm, aliás interesse para a nossa vida porque é de lá que saem os técnicos muito necessários à Nação, ficando reservada aos liceus a frequência das elites. Hoje isso já está a desaparecer. A D.G.E.S. coordena simultaneamente os ensino técnicos e liceal, portanto, esse fosso, essa barreira, esse muro que antes havia, até entre nós professores e entre alunos, praticamente desapareceu. Tanto o ensino técnico como o liceal, têm o seu lugar e trabalham de mãos dadas sem as divergências que existiam no passado. Hoje o ensino técnico está altamente qualificado e portanto parece-me que não podemos dizer que o ensino liceal seja um ensino de elite e o ensino técnico seja um ensino menos categorizado.

— A grande avalanche de alunos que tem caído sobre o ensino liceal não terá influenciado a qualidade do ensino?

— Suponho que não. Nós estamos sempre actualizados, há uma comissão pedagógica que está sempre em ligação com o que melhor se processa no estrangeiro e parece-me que a qualidade do ensino é suficiente para aguentar essa avalanche que ultimamente se tem notado. Recordo-me que quando vim para cá, há 7 anos, o Liceu, então secção liceal, tinha 123 alunos e hoje estamos com 900, mas as dificuldades vão-se vencendo e hoje aguentaremos 1000 ou mil e tal alunos.

— Passando agora ao tema das realizações extra-escolares, parece-me que em Espinho se nota uma carência: o aluno sai do Liceu e é imediatamente

OS TRANSPORTES

(Continuação da pág. 7)

tro há uma média de cinco minutos a espaçar as aulas, da chegada ou partida dos transportes.

Poderíamos alongar mais esta análise, tantas são, no entanto, as hipóteses, que seria impossível exaustivarmos a questão. Esperamos que a D.G.T.T. defira rapidamente o que lhe foi pedido e que a C.P. que tanto se ocupa em prejudicar Espinho, tenha tempo para ver que nesta cidade funcionam, há muitos anos, estabelecimentos de ensino já que os seus horários parecem não levarem isso em conta.

INAUGURAÇÃO DO TRIBUNAL

(Continuação da pág. 5)

Justiça; e o entusiasmo que se apoderou de todos os presentes foi incontível, logo explodindo os aplausos, que se mantiveram durante muito tempo.

«Defesa de Espinho», ao noticiar sumariamente o que se passou, pretende deixar estes apontamentos para a história de Espinho, fazendo-os acompanhar de algumas imagens.

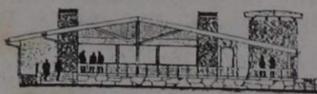
E antes de findar este relato, quer desejar aos novos magistrados as maiores felicidades no desempenho dos seus cargos e agradecer à Câmara Municipal de Espinho, designadamente aos seus Presidente e Vice-Presidente, o interesse que puseram na concretização do anseio espinhense de dezenas de anos e na instalação do novo Tribunal.

Os espinhenses estão de parabéns. E bem mostraram quanto sentiram e

viveram o momento que se deixa relatado, ao comparecerem em massa para o presenciarem, com evidentes sinais da sua satisfação. A isto chamamos manifestações espontâneas.

Como curiosidade e para a história dos acontecimentos relatados, resta-nos informar que logo após o encerramento da cerimónia da posse e inauguração do Tribunal foi julgado o 1.º réu — José Miguel Cortês da Silva Lopes — surpreendido a conduzir sem carta no centro de Espinho.

Por acordo dos advogados, assumiu a sua defesa oficiosamente, o mais novo de todos, o Dr. Amadeu J. Moraes, que assim, foi o primeiro profissional espinhense a intervir no Tribunal inaugurado.

**Restaurante
Snack — Discoteca
CABANA**Requintado Serviço
Panorâmica Deslumbrante**Sala própria para Banquetes**Todos os Sábados na Discoteca
Música de BaileEncerrado à terça-feira para descanso
do pessoal desde 1 de Outubro a 30 Abril**LIVROS USADOS (Vendem-se)**

Escolares, técnicos, romances, ciências, medicina, direito, religião, economia, cinema, filatelia, música (s), agricultura, indústria, comércio, desporto, literatura espanhola, francesa, inglesa, alemã, italiana, latina, grega, infantil, etc., etc.

Rua 16 n.º 220

Telef. 921246

ESCOLA NORMAL DE CORTE

«LUC»

Curso nocturno de Corte
e ConfecçãoPronto a Vestir por Escalas e
MoldagemInscrições: Rua 21 n.º 752
Telef. 921416

CINEMA

paço limitado, de uma pequena sala. Então V. faz um brusco contracampo e apercebemo-nos que o espaço não era aquele que julgávamos e que se tratava duma sala espaçosa, que havia mais pessoas, etc. Ora eu penso que esse é um processo muito seu de passar do real ao fantástico, porque o espectador, uma vez destruída a sua percepção inicial, começa a duvidar do que vê e, a partir daí, perde a confiança em tudo o resto.

DELVAUX — Não tenho mais nada a dizer, é exacto. Em todo o caso isso não é forçosamente uma procura do fantástico. No fundo, há duas razões: primeiro, indispor realmente o espectador no momento em que ele se começa a sentir à vontade, provocar nele uma descoberta das coisas. Por outro lado, há a preocupação de não mostrar senão o essencial. Na primeira sequência, o essencial são as palavras convencionais que a Avó diz a Mathias e que Mathias diz à Avó, que não constituem uma conversa, mas que são como dois monólogos que nunca se encontram. Tratava-se de os pôr, lado a lado, simplesmente (o filme, aliás, não é mais do que série de monólogos paralelos), e só depois revelar que aquilo que passa numa casa de repouso onde há outros

personagens, o que torna ainda mais irrisório o diálogo, o que o transforma ainda mais num monólogo: é uma velha que divaga e um homem que espera que o tempo passe.

(*Jornal de Letras e Artes, n.º 272*)

O FILME

(...) É curioso mesmo constatar que em toda a segunda parte do filme, em todo o espaço — tempo em que as coisas verdadeiramente importantes vão finalmente ocupar o lugar que lhes é devido no espírito já disponível de Mathias, o décor carregado, confortável dos interiores flamengos, vai ceder ante um décor extremamente austero das intermináveis paisagens da Flandres.

Aos carmins e azuis acastanhados da primeira parte, sucedem-se as cinzas e os tons neutros da segunda. A luz coada que permitia aperceber a irradiação das coisas e das gentes, na primeira parte do filme, dá lugar a uma sombra iluminante, onde o surreal se insere.

O surreal aparece, porém, como sempre foi grato ao génio flamengo: não se privando do real (...).

(*Ricardo da Cruz Filipe, in Jornal de Letras e Artes, n.º 272*)

A PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA LEMBRA QUE...

...na estrada cortada pela luz certa dos nossos faróis, outra luz mais forte é semelhante a um ataque súbito a que os nossos nervos podem responder impulsivamente. Respeite o Código. Não seja causa de perigo para os que se cruzam consigo. Baixe as luzes com a devida antecedência.

A PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA LEMBRA QUE...

...uma luz que de súbito incide sobre nós provoca-nos sempre um movimento brusco. Ao volante, esse gesto pode significar acidente. Não queira ser responsável por semelhante situação. Baixe as luzes antes dos seus faróis ferirem a vista de quem cruza consigo na estrada.



POR MAIS FRATERNIDADE

CASAS PARA OS POBRES

A carta do sr. Fernando Meneses, publicada na nossa PORTA ABERTA do nosso último número, sugerindo-nos a criação da campanha em epígrafe não caiu em cesto roto. Com imensa satisfação podemos anunciar, para já, a valiosa oferta que para o efeito foi feita pelo sr. Joaquim Fernando dos Santos Tavares, que nos entregou a quantia de dez mil escudos. O nosso jornal, dentro das suas possibilidades financeiras reduzidas, decidiu contribuir com a importância de mil escudos, idêntico donativo fazendo o seu Director Dr. Amadeu Morais. Deste modo já temos ao dispor da Campanha Esc. 13 250\$00, esperando que o «bolo» vá crescendo em avalanche, atendendo ao fim altruístico a que se destina.

Entretanto, acabamos de receber um significativo ofício do CENTRO DE ASSISTENCIA SOCIAL, de Espinho, que passamos a transcrever na íntegra:

Com os nossos respeitosos cumprimentos, vimos, a propósito da carta do Exmo. Senhor Fernando Meneses, publicada no n.º 2165, de 29 do mês findo, desse Jornal, informar V. Ex.ª e o público em geral, que este Centro possui um Fundo destinado a construção de casas para pobres no total de Esc. 830 000\$00 proveniente dum legado, acrescido dos respectivos juros, da benfeitora Exma. Senhora D. Lucinda de Andrade Ferreira Pinto Basto, que foi moradora no ângulo das Rua 20 e 23.

Esse legado — Esc. 775 510\$00 — recebido em 1971, vinha com o seguinte destino: 50 % para construção de casas para pobres e 50 % para este Centro dispor de conformidade com as suas necessidades.

Atendendo que a verba destinada a construção de casas era insuficiente para o fim desejado, resolveu a Direcção deste Centro, em sessão extraordinária de 20/7/72 consignar a parte que lhe foi atribuída para o mesmo Fundo, de que aguarda autorização superior.

Posteriormente a esta resolução, foi este Centro informado pelo Exmo. Senhor Presidente da nossa Câmara que o Exmo. Senhor Governador Civil de Aveiro lhe havia comunicado que um ilustre membro do Governo prometeu, logo que este Centro se propusesse levar a efeito a referida obra, compartilhar com importância igual à que o Centro então possuísse.

Não tem este Centro descurado o assunto, simplesmente considera que a verba que possui será absorvida pela compra do terreno para a edificação.

Estamos certos que o apelo do Exmo. Senhor Fernando Meneses muito ajudará a resolver um problema que é de todos nós.

Gratos pela atenção que se digne dispensar ao assunto, nos subscrevemos com elevada estima e consideração,

O Secretário do Centro,
José Almeida

Verifica-se, pois, que a ideia posta em marcha tem boas hipóteses de se concretizar se, na realidade, todos congregarem esforços, começando no essencial apoio das entidades oficiais, para acabar na adesão espontânea da opinião pública, pelo que «D.E.», apoiando incondicionalmente esta iniciativa, aguarda dela os melhores frutos, em favor dos mais débeis economicamente.

AJUDE À CAMPANHA

Um terreno para as CASAS DOS POBRES

GRANDE CASINO DE ESPINHO



ONDE O NORTE SE DIVERTE!



MÚSICA DE BAILE

Pelos apreciados Conjuntos de

JOSÉ QUELHAS-TONY SAMPAIO
e LOS WINDY'S (espanhol)

• VARIEDADES •

BALLET Salvador de Castro

NATALINA JOSÉ
Cançonetista Portuguesa

THE DALRAYS
Ventriloquos

NO SALÃO DE FESTAS

Matinées Dançantes (M/ 6 anos)
Aos DOMINGOS às 16 horas com o
QUARTETO TONY SAMPAIO
SLOT - MACHINES

• CINE-TEATRO •

SESSÕES TODOS OS DIAS

FÁBRICA HERCULES

de AFONSO HENRIQUES, SUCRS. LDA.

INDÚSTRIA
TRANSFORMADORA

MATÉRIAS
PLÁSTICAS

(Injecção . Compressão . Extorsão)
(Insuflação . Rotação . Vácuo)

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: **HERCULES**
TELEFONES: **920540-921098**
APARTADO: **40**

ESPINHO

“HERCULES”

GARANTIA de
FABRICO e QUALIDADE

EMPREGADA DE BALÇÃO
PRECISA
CONFEITARIA DOCEMAR
Falar das 20 às 21 h.

VENDE-SE

BAIRRO de cinco moradias com 500 m² de quintal, em Sales - Silvalde, denominado «Bairro de Chaço». Informa pelo telefone 921044 das 9 às 13 horas

ADMITEM-SE

Ajudantas e aprendizas de costura para atelier.
Falar na Av. 24, 1023
ESPINHO

EMPREGADA DE ESCRITÓRIO

Com curso Comercial e muita prática de serviços, em secção Comercial. Oferece-se. Resposta à Redacção ao n.º 25

Bons Estabelecimentos

A beira-mar, na esplanada, junto ao Hotel Praiagolfe, alugam-se. Falar no local ou por telefone 92 09 74, das 15 às 18 horas.

JOVEM

Pretende colocação num escritório em Firma idónea e de futuro, em Espinho ou proximidades. Tem conhecimentos e prática de diversos serviços, escrevendo à máquina com desembaraço. Frequenta o 3.º ano do Curso Comercial nocturno e possui carta de condução de ligeiros. Serviço militar cumprido. Carta à Redacção ao n.º 24.

O máximo em qualidade!
Do melhor em apresentação!

O bom gosto e eficiência, são atributos do relógio "CAMY", a mais preciosa das jóias.

Está na hora de acertar! compre "CAMY"!

Desporto

FUTEBOL

SP. DE ESPINHO, 1 — PENAFIEL, 0

RESULTADO JUSTO PELO 2.º TEMPO

FICHA DO JOGO

Campo: da Avenida.

Tempo: de Sol, com forte ventania.

Assistência: razoável.

Trio de arbitragem: de Vila Real, dirigido por Manuel Vicente, auxiliado por Sequeira Teles (bancada) e Joaquim Fonseca (peão).

SP. DE ESPINHO — Luz; Ribeirinho, Simplicio, Gonçalves e Gomes (cap.); Acácio e Ferreira da Costa; Artur Jorge, Augusto, Telé e Malagueta. Suplentes: Jorge, Pereira, João Carlos (entra aos 68 m., saindo A. Jorge), Júlio e Helder Ernesto.

PENAFIEL — Castro; Almeida, Alípio, Joaquim Jorge e Simão; Cerqueira e Nelson; Victor Gomes, Betinho, Silva Pereira (cap.) e Gil.

Ao intervalo: 0-0.

Golos: aos 57 m.; drible de Malagueta, corrida para a linha de fundo e um centro-remate com o pé esquerdo de ângulo incrível e bola a entrar ras-teira junto ao poste mais próximo.

— x —

Uma nortada valente e fria, varria o campo da Avenida. O «onze» espinhense alinhava com o vento a favor. Na primeira jogada do desafio, Augusto remata forte o guarda-linha adversário não encaixa, mas não surge a recarga!

Sob bons auspícios principiara o encontro, contudo foi sol de pouca dura. A turma «alvi-negra» não se encontrava. Sem entrosamento, muita bola pelo ar, quando o tempo aconselhava o contrário. Havia domínio constante, mas inconsequente, improdutivo, sem finalização adequada. Ganhavam-se apenas cantos. Os penafidelenses, esses, com uma defesa rude e reforçada, limitavam-se a aliviarem. Um ou outro contra-ataque e somente um susto para o Sp. de Espinho.

Partida descolorida, de futebol (?) incipiente, com vento e poeira a «chatear» os que jogavam e os que assistiam, e os locais com o espectro das dificuldades do 2.º tempo (contra o vento) a atormentá-los. E o intervalo chegou com

Os futebolistas juvenis do S.C.E., foram empatar 2-2 contra o Lourosa, na 2.ª jornada do «distrital» aveirense, ocupando o 6.º lugar na série-A com 1 vitória e 1 empate e 3 pontos. No próximo domingo, os jovens espinhenses folgam.

zero-zero. Exactíssimo prémio merecido para ambas as equipas que tanto maltrataram o futebol.

Veio a segunda metade e o Sp. de Espinho, agora com o vento contra, continua a pressionar e a dominar o adversário. Com a diferença de ter rectificado processos. O esférico aparece mais no solo, há outra dinâmica, maior desenvoltura, jogadas melhor delineadas. O tento, logo aos 12 m., veio tranquilizar os «tigres» e tornou o «onze» mais esclarecido. Riscaram-se então algumas boas jogadas. O guarda-linha contrário negou o golo algumas vezes (Malagueta, Telé e Augusto). Todavia, o Sp. de Espinho estava senhor do jogo, perante um Penafiel que pouco incomodava o último reduto local, continuando demasiado preocupado a defender-se do assédio vareiro. Nem o vento fez aventurar os penafidelenses. E a vitória, magra, surge como justa. E até mais um ou dois tentos não encandalizavam. No derradeiro minuto, o guarda-redes do Penafiel com duas soberbas defesas evitou golos de Telé (magnífica jogada e remate) e Acácio (belo disparo). Triunfo merecido, não é o mesmo que exibição positiva. Contudo a 2.ª parte (a 1.ª foi para esquecer) foi, de certo modo, agradável, até porque as condições atmosféricas dificultavam. Pelo menos ficou a certeza de que a equipa soube corrigir processos errados e que pode, e deve, acalentar esperanças.

— x —

De jogadores limitamo-nos a falar de Ferreira da Costa, a exibição mais influente e positiva. E uma palavra para Telé, a estreitar-se oficialmente no campo da Avenida e do qual todos esperam coisas de «craque». Ficou-se (como contra o Salgueiros) pelos apontamentos. Alguns bons. E mostra que sabe tratar a «menina». Dê-se-lhe tempo, para um juízo mais certo. Mas, na posição em que joga, engravado na defesa contrária, com a sua pouca compleição física sem jogo de cabeça, sem espaço para manobrar a sua técnica, não se lhe cercearão possibilidades?

A arbitragem esteve certa e num jogo disciplinado e sem casos, houve um «amarelo» para Gil, dos visitantes.

C. S.

No Campo da Avenida, apareceram os primeiros degraus da futura «superior», proporcionando uma melhor acomodação e visão aos espectadores. Sem dúvida que se trata de uma obra bastante benéfica para o recinto e para a assistência.

ÀS RAPARIGAS

DOS 16 AOS 25 ANOS!

Se você gosta de trabalhos manuais e tem gosto pela perfeição das coisas que executa, tem agora a grande oportunidade da sua promoção pessoal.

A CETAP vai iniciar cursos para trabalhos de serralharia para formação feminina, trabalhos delicados e de precisão.

Inscreva-se!

Durante os dois meses de treino ganhará 60\$00/dia. Logo após estes dois meses o ordenado será 80\$00/dia. e depois... depois será você quem ditará a meta final.

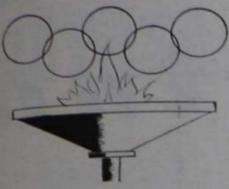
A inscrição é limitada.

CETAP

CENTRO TÉCNICO DE APLICAÇÃO
DE PLÁSTICOS DE ANTÓNIO MATOS

ANTA — ESPINHO

TEL: 921226



desporto

ORIENTAÇÃO DE
ROLANDO DE SOUSA

Com licença...

Carta aberta ao Virgílio Dias

A notícia chegou-me pelo meu Júnior. Com laivos de o ter verdadeiramente decepcionado. Como que decepcionou e surpreendeu. O Virgílio ia embora da Ginástica da Académica! Falei nisso ao prof. Fernando Torres, estávamos no átrio da Casa do Desporto, na cidade Invicta. Também caiu das nuvens. Mas não ficou muito crédulo. Talvez...

Contudo, a confirmação veio-me depois pela voz do Sr. Gaio. Era verdade. A A.A.E. perdera a colaboração do Virgílio Dias. Daquele entusiasta, dinâmico, sabedor jovem que, na época transacta, chegara, revolucionara, conquistara a simpatia geral, dando um impulso estupendo na pré-desportiva e desportiva. Daquele idealista da ginástica, que ressumava idolatria pela modalidade, conquistado também pelo meio ambiente ginástico da A.A.E. onde, conforme me afirmou em entrevista para um jornal desportivo, encontrou material humano e condições para trabalhar dificilmente atingíveis e igualáveis noutros locais, mesmo nas grandes cidades e grandes clubes.

O Virgílio, por tudo quanto fez, por tudo quanto afirmou, por tudo quanto deixou transparecer, deu as maiores esperanças à A.A.E. no futuro da sua ginástica, uma obra com uma dúzia de anos, à qual vinha sendo preciso tudo aquilo que o Virgílio lhe trouxe e prometia, de acordo com palavras ditas ao «J.N.», ao meu amigo e camarada Dias Costa, que eu relembro: «Estou com as maiores esperanças de fazer alguma coisa por eles (ginastas da A.A.E.) e pela ginástica».

Esperanças que feneceram agora com a sua deserção. Note, não venho criticá-lo. Compreendo a sua atitude. A A.A.E. não pode competir economicamente com o F. C. do Porto. E se pudesse, tínhamos, por outro lado, a diferença de força das duas colectividades, pois fazer obra nos «azuis-brancos» projecta de maneira diferente e o Virgílio é jovem, está no início da carreira.

Você, Virgílio, viu-se sim atropelado pela lei natural da vida dos nossos

dias, onde o poder económico esmaga os ideais mais caros e as intenções mais sublimes. As pessoas acabam por não se poderem furtar. Claro, esse estado de selvajaria já chegou ao desporto e, os mais poderosos, não consentem que os minúsculos tenham possibilidade de os superar ou igualar. Não tentam trabalhar e igualá-los. Optam por os desfalcá-los dos melhores valores, quer a nível de técnicos, quer de praticantes. Aliciam-nos pela parte económica e pelo lado projeccionista de que o seu nome é veículo. As vezes até falam em puro amadorismo.

Mas, Virgílio, um dia, por essas e por outras, ao invés de termos muitas Académicas de Espinho, teremos três ou quatro grandes clubes, contentes por haverem aniquilado o resto e degladiando-se entre si na ânsia de conquistarem campeonatos, mas cabe perguntar se é isso o que interessa ao desporto português: o monopólio de valores?

Lamento a sua deserção Virgílio, todavia, volto a frisar, compreendo as suas razões, mas, não há dúvida, foi uma machadada enorme nas esperanças do futuro da ginástica que, cheia de idealismo puro, a A.A.E. vem mantendo, que ninguém esperava e, eu, pessoalmente, muito menos, depois de ter tido ocasião de colher o seu depoimento entusiástico, e esclarecido, quer pela ginástica, como pelo ambiente encontrado.

Os grandes clubes não querem um desporto português mais forte, Virgílio, nem os ideais e idealistas têm hipóteses ante a sua ânsia de ganharem competições, porém talvez por essas e por outras é que somos o que somos no plano desportivo. Temos o desporto que merecemos, não é?

Boa sorte Virgílio e continue a oferecer à pobre ginástica portuguesa aquilo que o seu entusiasmo, o seu saber, lhe podem ofertar: muitos e muitos bons ginastas e não somente alguns campeões para ganharem campeonatos.

C. S.

Ginástica desportiva da Académica

«A Ginástica continua?»

Tantas vezes já me fizeram esta pergunta, que julgo ser necessário esclarecer a situação em que a A.A.E. fica, depois da saída de Virgílio Dias.

É verdade! Continua... Nem poderia ser de outro modo, depois de um ano em que mostrámos o que era realmente praticar Ginástica Desportiva.

Mas... e agora?

Agora iremos pôr em prática o que aprendemos, ajudando-nos uns aos outros, mas sob a orientação do nosso ex-treinador, que de tal maneira se amarrou à A.A.E., que não seria capaz de nos deixar entregues a nós próprios,

sem a ajuda de alguém de maior craveira técnica.

E, assim, eis-nos novamente a treinar sob a orientação dos nossos ginastas mais evoluídos, que estão plenamente conscientes do trabalho que se lhes apresentará e da necessidade de dedicação que é precisa para levar a bom termo a difícil missão a que se entregaram.

Depois deste esclarecimento a que os Espinhenses têm jus, restam-nos pedir a colaboração de todos aqueles que melhor ou pior possam ajudar-nos a singrar no difícil desporto a que nos dedicamos.

A. PAIVA PINTO

Contrariamente ao que se previa, o Secretário de Estado da Juventude e Desportos não veio ao Porto no passado dia 22 de Setembro. Não foi, pois, possível entregar-lhe cópias de exposições remetidas pela Académica e pelo Sporting de Espinho, tal como anunciámos no penúltimo número da Defesa de Espinho.

*

Entretanto soubemos que no Sporting de Espinho se recebeu um ofício da Direcção-Geral dos Desportos dando conta que o pedido feito por aquela colectividade, no sentido de inscrever a sua Secção de Andebol na Associação do Porto, já foi remetido para a Federação Portuguesa da modalidade e para a Associação de Desportos de Aveiro, aguardando-se as respectivas informações.

b o l a a o l a d o

*

O ofício que chegou ao Sp. de Espinho era assinado pelo esclarecido dirigente da Direcção-Geral dos Desportos, Dr. Jorge Saraiva, hoje a ocupar posição de destaque dentro da orgânica desportiva nacional após provas dadas na Federação de Futebol, onde se distinguiu pelo seu sentido de organização e pela forma como procura resolver os problemas sem os protelar ou deixar adormecer. Espera-se que tão louváveis características de trabalho do Dr. Jorge Saraiva o levem a não deixar adiar a apreciação da exposição do Sp. de Espinho por muito mais tempo. É que está em jogo a continuidade de uma Secção que tem dedicado particular entusiasmo ao Andebol.

*

Problema semelhante ao dos seccionistas de andebol do Sporting está também a preocupar os responsáveis pelo basquetebol na Académica de Espinho.

Tivemos conhecimento que elementos da secção de basquetebol académica estiveram presentes numa reunião promovida pela Associação do Porto, dedicada à distribuição de prémios da época finda, e à qual também assistiu o Presidente da Federação.

Soubemos que na referida reunião os dirigentes académicos deram conhecimento aos directores da Associação e ao federativo da necessidade da Académica de Espinho se inscrever na zona do Porto, invocando motivos que não oferecem qualquer contradição. O presidente federativo ouviu-os e prometeu o seu apoio ao desejo dos espinhenses.

*

Não nos parece difícil a solução dos casos. Do basquetebol e do que se relaciona com o andebol. É que eles não se distinguem do que surgiu há duas ou três épocas com o hóquei patinado e que a Académica viu resolvido, com toda a justiça, a seu favor.

A. A. G.

Voleibol da A. A. E.

SENIORES

Após várias diligências efectuadas por elementos desta secção no intuito de conseguir a colaboração de um técnico para esta categoria, iniciaram-se finalmente os treinos sob a orientação do Rev. Padre Saul, antigo praticante da modalidade.

FEMININO

Principiaram também os treinos desta categoria sob a orientação do antigo atleta do S.C.E., António Canelas. De assinalar o grande número de atletas que aderiram ao voleibol, nú-

mero esse que esperamos venha a ser aumentado.

JUVENIS E INICIADOS

Nestas categorias principiaram os treinos sob a orientação de dois atletas seniores desta Colectividade.

APELO

Todos os jovens, de ambos os sexos, interessados em praticar voleibol devem dirigir-se ao Pavilhão da A.A.E., às 3.^{as} e 5.^{as} feiras, a partir das 18 horas ou às 2.^{as}, 4.^{as} e 6.^{as} feiras, a partir das 22 horas, onde lhes serão dadas todas as informações.

BANCO PINTO DE MAGALHÃES

O SEU BANCO

PORTO

LISBOA

AGÊNCIAS E CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E NO ESTRANGEIRO

SAL... PICOS

Por BANZÉ & C.ª

EPOCA DE SALDOS (Temos «stocks» de...)

PROMESSAS, de excelente confecção, destinadas a todos os fins, próprias para qualquer época, duradoiras, policromas, também doiradas, qualidade de eleição, de efeito garantido.

BARRETES, perfeitamente na moda, enfiando sem dificuldades, até às orelhas, constituindo um adorno adequado à época.

AUMENTOS DE PREÇOS, variadíssima gama, verdadeiras e vistosas colecções, de aspectos e resultados imediatos, com grande procura, já que os novos modelos, da próxima estação, vêm substancialmente mais... caros.

HORAS, para aplicar no prolongamento dos dias, a indivíduos cujas 24 normais não chegam, de maneira a poderem ocupar os cargos que lhes tomam 28 horas diárias. Proporcionam excelentes resultados económicos.

BANCOS, de óptimo aspecto interior e magnífico acabamento exterior, em filiais ou agências, para ornamentarem e urbanizarem as ruas das aldeias, freguesias, vilas ou cidades. Aplicação garantida.

PRAIAS, em cortes magníficos, ainda com areia, estupendas pedreiras de futuro, com muitas hipóteses de não vir a ser preciso deixar a rua para molhar os pés ou tomar banho. Bem situadas, ao fundo da cidade de Espinho.

ARMAZENS E OFICINAS, da reputada marca «Estrela», airosos, servidos pela luz do dia, com vasto espaço para arrumos ou trabalho, autenticamente ao desbarato, com boa localização, até em ruas centrais desta cidade.

TROCOS, em variadíssimos vales, «chiclets», selos, rebuçados, carteiras de fósforos, etc., em lotes de uma só qualidade ou misturados, não se aceitando devoluções ou reclamações.

FUTEBOLISTAS, «made in Brasil», com marca na orelha, chutando com um ou dois pés, rematando ou não de cabeça, normais ou peitudos, com descontos especiais para quantidades.

RUAS, impróprias para cidade, com pequenos e grandes defeitos, piso em bom estado para carros de bois e largura suficiente para passarem dois ao mesmo tempo, com aplicação garantida em aldeias, podendo ser fornecidas com passeios em condições idênticas.

ESPERANÇAS, muito garridas e de grande efeito, destinadas a néscios ou trouxas, que ainda se convencem de que havemos de ter um mundo menos cão. Só se vendem contra apresentação de atestado médico.

CINEMA

OS FILMES DA SEMANA

LAÇOS ETERNOS — DE ANDRÉ DELVAUX

Mais uma obra nos é apresentada, que pertence a uma cinematografia desconhecida em Portugal: a Belga. Por intermédio de 3 pequenos apontamentos tentemos uma aproximação com um realizador importante que já viu estreadas em Portugal 3 obras (a referida — 1968; O Homem da Cabeça Rapada — 1965 e Encontro em Bray — 1971).

DELVAUX e o Cinema

Por princípio procuro não sobrecarregar a realidade e mesmo não a tomar tal qual ela se nos apresenta verdadeiramente, para procurar extrair-lhe a essência; existem dois meios de despojá-la: ou, partindo do zero, procurando reconstruir utilizando unicamente os elementos que se decidiu utilizar, ou partindo do lado total da realidade, dos «décors» existentes, com os personagens que escolhemos, mas afogar ou suprimir todos os elementos que poderiam distrair a atenção. É o que eu faço trabalhando no «décor» suprimindo tudo o que não acho conveniente.

É pouco dizer que o som é tão importante como a imagem. No mundo sonoro parece-me que há muitas mais coisas a encontrar do que na imagem. Actualmente, no cinema espectáculo, aceitam-se já imagens de uma grande liberdade, mas ainda não o som trabalhado de uma maneira específica. Pelo menos ainda não o escutamos. No mundo tradicional não existe ainda a utilização do silêncio.

(Cahiers du Cinéma n.º 180)

DELVAUX e «Laços Eternos»

L & A — No começo de «Laços Eternos» há uma série de planos aproximados de rostos e de mãos que levam o espectador a fazer imediatamente uma ideia do espaço da cena e a sentir-se muito seguro porque a percepção que ele tem é imediata: trata-se de um es-

Continua na página 9

FIM DE SEMANA. 19

1

Continuando no balanço das carências de Espinho, refram-nos a uma muito ventilada neste jornal: Sua Excelência, o LIXO.

É lixo nas ruas, nas esplanadas, na praia, é o culto da porcaria.

Mas não se responsabilizem apenas pela proliferação do lixo os Serviços Camarários. Responsabilizem-se os habitantes também. Ninguém se coíbe de lançar na via pública o que não presta; não cabe aos serviços públicos a limpeza das esplanadas dos cafés, mas aos proprietários; são as donas de casa que não cuidam dos recipientes do lixo, usando sacas, que não fecham, e facilmente se entornam, ou de material tão frágil que gatos e cães rebentam atraídos pelos restos de comida, principalmente com o uso inexplicável de pôr na via pública o seu lixo à noite, quando se sabe que só é recolhido alta manhã: cedo se forma em torno dos recipientes uma assembleia geral de gatos e cães que rapidamente passam à ordem da noite e aos trabalhos, entornando latas e baldes, rompendo com as unhas e os dentes os sacos, espalhando felizes o conteúdo para escolherem o que lhes agrada; são ainda as donas de casa utilizando como recipientes latas e bacias sem cobertura, que empestam o ar até à recolha; são os que cospem para qualquer lado (e se fosse só cuspir...), etc.

Na praia nem se fale; bem se esforçam os empregados dos banheiros por a praia estar limpa, mas o amor atávico dos utentes pela sujeira é superior à actividade deles.

Dos recipientes existentes em alguns lados para vasadouro do lixo, estão diversos imprestáveis, sem fundo, há muito tempo; o pessoal de recolha do lixo não o vasa nos carros com o cuidado suficiente para que algum não tombe nos pavimentos, etc.

Oriundos que somos do Porto, e aí residindo o maior tempo, com mágoa classificávamos essa cidade como a mais suja do país; mas este ano estamos a verificar que Espinho lhe pede meças e lhe quer disputar tão imeritório galardão.

2

Deixando de perder tempo com o estado do pavimento das ruas, chame-mos a atenção para o que é mais palpável e deplorável nas vias públicas: o estado dos passeios.

Basta dar uma volta na cidade, depois de ter engraxado os sapatos, para ter de voltar ao engraxador. O estado deles é impróprio não de uma

cidade, não de uma vila, mas de uma humilde e sertaneja vilória.

3

Continuando nos passeios, conclui-se que nesta cidade têm como função principal a de arrumar os automóveis.

Em todas as ruas abundam automóveis sobre os passeios, e tão encostados por vezes à parede, que o peão tem mesmo de circular pelo leito da via.

Em Espinho há um conceito diverso do usual da finalidade dos passeios: aqui servem para os automóveis descansarem das fadigas das suas caminhadas; o leito das ruas é que serve para os mesmos automóveis correrem, e os peões circularem e serem atropelados.

4

Vem o problema hoteleiro. Há na cidade bons hotéis, mas com muitas estrelas —, e as estrelas não são para todas as bolsas, quando demasiadas; há pensões modestas — e poucas.

Falta, pois, o apoio de pensões de bom nível e preço acessível, e o de hotéis pouco estrelados, mas ao alcance de bolsas não muita iluminadas pelo cintilar das estrelas cifrónicas...

Ora Espinho não pode dispensar o veraneante médio, como o funcionário público, o empregado de nível mediano, cuja carteira não abunda para enfrentar a cintilância das estrelas múltiplas, mas que lhe permite dar-se o desejo de usufruir uma instalação decente e cómoda, ainda que modesta.

5

Já não falaremos dos pontos críticos e crónicos dos acessos à cidade; nem falaremos do museu da C.P., nem do mau serviço de transporte que oferece, sempre coberto com a capa das obras de renovação da via. Ao menos ainda se dispõe de bons serviços de camionagem a ligar a cidade ao Porto e localidades vizinhas, que satisfazem pela qualidade do serviço e do material, e até do trato dos empregados. Deveria o tempo do percurso ser menor; mas convenhamos que o traçado da estrada o não consentirá.

Ao menos encontrou-se alguma coisa de que dizer bem... As conclusões destas carências, e de outras a que não nos referimos por as ter visto largamente tratadas ou por esquecimento, serão tiradas em «fim de semana» próximo.

VASCO LUIS



DEFESA DE **ESPINHO**

SEMANÁRIO

AVENÇADO

À Câmara Municipal de Espinho

ESPINHO